

Contribuição do Setorial Ecosocialista do PSOL da cidade de São Paulo ao VII Congresso Municipal do PSOL

Contra a São Paulo das enchentes de destruição e morte, um PSOL ecosocialista!

Por um PSOL da cidade de São Paulo aliado das lutas socioambientais!

Precisamos de um PSOL da cidade de São Paulo que seja cada vez mais um aliado nas lutas socioambientais. Um partido que cerre fileiras em cada batalha travada no asfalto ou nos picos, ombro a ombro com indígenas, permacultoras e permacultores, ativistas das hortas urbanas, ativistas da causa animal e ambientalistas em geral.

Queremos uma cidade de São Paulo que seja referência na transição de matriz energética, que realize uma reforma urbana, que revolucione o modo de morar e de produzir moradia no Brasil e que possua tarifa zero no transporte público - com combustível menos poluente - de qualidade e para todas as pessoas.

Para chegarmos mais perto desse sonho, as vereadoras e os vereadores desse PSOL devem estar ligados na Setorial Ecosocialista do partido, participando com regularidade de suas reuniões, construindo conjuntamente projetos de lei e formando-se, enfim, como tribunas e tribunos da luta socioambiental. Assim poderemos fazer pontes com lutadoras e lutadores que porventura não estejam presentes nesse espaço elitizado, esbranquiçado e masculinizado que é a Câmara dos Vereadores de São Paulo.

Convidamos a todo o PSOL da cidade de São Paulo: a luta socioambiental não pode ser detalhe num programa de governo, porque a emergência climática é o problema central a que todo militante deve se dedicar. A palavra de ordem Ecosocialismo ou Extinção! faz mais sentido a cada evento climático extremo que ameaça destruir a cidade e nossas vidas. Vamos fortalecer a Setorial Ecosocialista do partido e construirmos, com as outras Setoriais, com os Núcleos de Base, com a Direção Municipal, um PSOL cada vez mais ecosocialista!

São Paulo no centro da Emergência Climática

A luta ecosocialista na cidade de São Paulo é histórica e remonta aos antepassados dos povos originários dessa terra. A defesa da natureza e da vida contra o avanço destruidor do "progresso" capitalista tem nesses primeiros habitantes essa herança de luta. Como ensina Hugo Blanco, líder indígena peruano: "Os indígenas já praticam o ecosocialismo há séculos". Hoje são esses mesmos sujeitos revolucionários que se levantam para defender um dos últimos espaços de área verde da cidade de São Paulo.

A luta dos indígenas Guarani Mbya contra a construtora Tenda no bairro do Jaraguá representa o conflito entre capital e a natureza. Um enorme terreno de área verde no Jaraguá, próximo às aldeias dos Guarani, está sendo desmatado para a construção de um empreendimento. Além da área ser um espaço remanescente de Mata Atlântica, é também um território considerado sagrado para a população indígena.

Ademais, a obra não poderia sequer ter sido permitida, pois afronta dispositivos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que determinam consulta prévia da comunidade indígena local. Entretanto, tanto a Justiça quanto a Prefeitura determinaram a continuidade das obras. Mas quando o desmatamento teve início, os Guarani ocuparam o terreno, exigindo a imediata interrupção das obras e a criação de um centro ecológico no local.

Essa luta reflete o descaso da gestão de Bruno Covas com a questão socioambiental da cidade. Outros casos também estão ocorrendo. A negligência do prefeito em relação às enchentes, por exemplo, mostra que não existe uma política eficaz de planejamento urbano para lidar com os problemas históricos. A última enchente foi uma das mais impactantes da história da cidade. Pessoas perderam casas, grandes avenidas foram alagadas, deslizamentos de terra por toda parte, São Paulo virou um caos. As medidas anunciadas pela prefeitura não resolvem a situação.

Objetiva-se construir cinco piscinões em área de praça com concessão de uso pela iniciativa privada de 33 anos como solução para as enchentes. Esse é um mecanismo paliativo e acaba gerando novos problemas, pois investe-se na concentração de água suja e acumulação de lixo, gerando sujeira e doenças.

Em uma cidade com o solo altamente impermeabilizado o Município vai gastar R\$ 400 milhões no programa de requalificação das calçadas, verba do Fundo de Desenvolvimento Urbano (FUNDURB). Baseado no decreto 58.611 de janeiro de 2019, artigo 13, não é possível utilizar nenhum outro material drenante ou permeável a não ser o concreto armado com junta de dilatação – calçadas permeáveis auxiliam no abastecimento do lençol freático, no combate das ilhas de calor, na filtragem da água que carrega poluição difusa e chegariam limpa nos córregos e rios. O investimento para deter as enchentes deveria ser feito no desassoreamento dos rios e córregos aterrados e na criação de praças e parques com vegetação capaz de absorver a água da chuva.

Um agravante nessa questão das enchentes é que com a intensificação das mudanças climáticas a tendência é que a pluviosidade aumente a cada ano. Isso significa que quanto mais quente o planeta, mais intensas serão as chuvas. Isto é, se não forem desenvolvidas medidas realmente efetivas para conter as enchentes em um curto espaço de tempo, São Paulo ficará debaixo d'água literalmente, pois a Terra não deixará de aquecer.

As emissões de poluentes continuam a todo vapor e a legislação municipal é fraca na contenção da Emergência Climática. Sabemos que se nada for feito para neutralizar as emissões de gases do efeito estufa até 2030, a temperatura média mundial elevará em mais de 2° C acima do nível pré-industrial, ultrapassando o ponto de não retorno. O

mundo quente dessa forma desencadearia um processo caótico de retroalimentação, no qual o derretimento das calotas polares e do solo do Ártico liberaria o carbono e o metano aprisionados no gelo, soltando mais poluentes na atmosfera.

Na demora de combater as emissões de poluentes, o poder público paulistano (vereança e prefeitura), por meio da PL 300/2017 que altera a lei 14.933/2009, prolonga a substituição da frota dos ônibus a diesel da cidade, postergando a compra de veículos menos poluentes. A meta atual é diminuir em 50% as emissões de dióxido de carbono pelos ônibus em um prazo de dez anos, e zerar as emissões em vinte anos. É um prazo demasiado longo, considerando a iminência do colapso climático e a necessidade de neutralizar as emissões de CO2 até 2030.

A política de transporte público na cidade de São Paulo vai na contramão do que está sendo realizado por outras cidades globais do grupo C40 (grupo de cidades comprometidas com a questão climática, do qual São Paulo também é signatário), como Barcelona, Madri, Paris, Milão entre outras. São Paulo ainda privilegia muito o transporte individual.

A cidade foi construída historicamente para favorecer a indústria automobilística. Há uma frota gigantesca de automóveis, uma das maiores do mundo. O transporte público é precário e com preços abusivos, com o aumento da tarifa sendo realizado ano a ano em benefício do lucro dos empresários dos transportes. Junto a isso, há um abandono completo da política cicloviária. Bruno Covas deixou de implantar por dois anos novos trechos de ciclovia, e só agora na véspera das eleições, passou a esboçar, nessa área, alguma reação. O que é um problema grave, pois a precarização das ciclovias e sua falta de expansão acabou gerando um aumento de 64% nas mortes de ciclistas em 2019.

Outro campo de investimento de políticas públicas para mitigar o impacto das mudanças climáticas são os parques. Mas nesse quesito a prefeitura também está em falta. Na periferia as áreas verdes são escassas. Quando existe algum parque ou praça, são espaços pouco arborizados. Os poucos parques da cidade que existem estão sendo atacados.

Ademais, Bruno Covas (PSDB) retirou o poder deliberativo dos conselhos gestores dos parques, como forma de minar a resistência popular contra as privatizações. O prefeito tucano pretende entregar os 106 parques da cidade para a iniciativa privada, como já fez com o Parque do Ibirapuera e como João Dória (PSDB) está fazendo no governo estadual com o projeto de privatizar o Zoológico e o Jardim Botânico. Um agravante nessa área também é a lei da poda, proposta pelo vereador Fernando Holiday e sancionada por Covas, que permite a poda de árvores sem critérios mínimos, o que vai acabar gerando cortes de inúmeras árvores sem necessidade.

ASSINAM OS MILITANTES FILIADOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Adriana Ferreira
Ana Carolina Andrade
Ana Lia Galvão de Barros Almeida
Ana Paula Pereira da Silva Coelho
Anderson "Mancuso" do Nascimento Pereira
André Rodrigo Ferreira Coggiola
Andreia Shirakura
Andrezza Bicudo da Silva
Antonio Vogaciano Barbosa Mota Filho
Arlindo Manuel Esteves Rodrigues
Artur Figueiredo Mata
Bárbara Ellys Simonetti
Beatriz Tenore Blanco
Beto Bannwart
Brenda Bela
Calimério Martins
Camila Mathias Baptista Guimarães
Carlos De Nicola
Carolina Borghi Ucha
Carolina Fernandez
Carolina Martins Paes de Oliveira
Cecilia Lotufo
Claudia Sant'Ana Martins
Dafne Sena
Durvalina Soares Silva
Estela Martins
Fabio de oliveira landgraf massardi
Fatima lopes afonso
Felipe Loschiavo de Carvalho Braga
Felipe Moda
Fernanda Lamesa Ambrosio
Flavio Braga Vieira da Silva
Franklin Siqueira

Gabriela Francine de Almeida Ribeiro
Glaucia Carvalho Moraes
Henrique Araujo Aragusuku
Isadora Attab
Jacqueline Carvalho Braga
João Machado Borges Neto
João Pedro Gonçalves Munhoz
José Anézio Fernandes do Vale
José Fernando Conte
José Mário de Oliveira Britto
Joyce Martins
Julia da Fonseca Silvestrini
Juliana Mateus Gago
Juliana Mathias dos Santos
Juliana Westmann Del Poente
Junia Carvalho
Lázaro da Silva Neto
Lienio Medeiros
Liliane Molina Alexandroni
Lucas Nunes da Silva
Luciana Ribeiro
Luciana Ribeiro
Luís Miyazawa
Luisa Helena
Luiz Felipe Martins Carvalho
Marcela Durante
Marcos Rogério da Silva Moreira
Marcos Rogério da Silva Moreira
Maria Fernanda Aguilar Lara
Maria Renata Morales
Mariana Aron
Mariana Gayão Beny
Mariana Luppi Foster
Mariana Martins
Marianna Haug

Marianne Meni
Marina Mathias Baptista Guimarães
Marino Mondek
Mauro Thiago da Rocha Monteiro
Murilo Romão
Nicole Martinez
Nivio Previatto
Patrícia Apólito Silveira
Pedro Barbosa Gava
Pedro Hirata
Priscila Lie Sato
Rafael Arosa Prol Otero
Rafael Lopez
Rafael Pacheco Alquezar - Santo
Rafael Tofanelo Magalhães da Silva
Rafaella Alves de Oliveira
Renan Siqueira da Silva
Renata Luder
Renata Santo Silva
Renata tomeo
Ricardo José Ernesto Pereira
Ricardo Novaes Serra
Ricardo Takeshi Yokoy Numakura
Rita de Cássia Paula Mendes
Rodolfo Antonio Silva
Romulo Mallet Rocco Errico
Rosana Alves
Sabrina Alves
Shirley Kozue Higaki Pedroso
Stéphanie Christien
Terezinha Vicente Ferreira
Thábata Sena
Thiago Santos Moliani
Vania Cristina Garcia Gonçalves
Veridiana Beatriz Zurita

Vinicius dos Santos Xavier

Vinicius Fernandes da Silva

William Martani
